

**O KITSCH NO ACERVO DO MUSEU: ANÁLISE E REFLEXÕES SOBRE O
KITSCH PRESENTE NO ACERVO DO MUSEU MUNICIPAL ALBINO BUSATO DE
CASCA/RS**

**KITSCH IN THE MUSEUM COLLECTION: ANALYSIS AND REFLECTIONS
ABOUT THE KITSCH IN THE MUNICIPAL MUSEUM ALBINO BUSATO DE
CASCA / RS**

**KITSCH EN LA COLECCIÓN MUSEO: ANÁLISIS Y REFLEXIONES SOBRE EL
KITSCH EN EL MUSEO MUNICIPAL ALBINO BUSATO DE CASCA / RS**

Aline Nizzola Berton¹

Resumo: Este artigo buscará identificar e analisar peças do acervo do Museu Municipal Albino Busato que se insiram na perspectiva do *Kitsch*. Em um primeiro momento será elaborada uma abordagem sobre acervos museológicos e as diversas categorias presentes em um mesmo acervo. No segundo ponto do artigo abordaremos o conceito de *Kitsch* e o processo de disseminação e popularização do consumo de produtos ligados a esse fenômeno. Por fim, será feito um levantamento fotográfico e uma análise das peças *Kitsch* encontradas no acervo do Museu. Elencamos três categorias para realizar essas análises: a) As promessas de natureza e decorações; b) As simbologias religiosas; c) As coleções.

Palavras-chave: Kitsch; Museu; Acervo.

Abstract: This article will seek to identify and analyze pieces from the collection of the Municipal Museum Albino Busato that fall under the Kitsch perspective. At first, an approach will be elaborated on museological collections and the different categories present in the same collection. In the second point of the article, we will address the concept of Kitsch and the process of disseminating and popularizing the consumption of products related to this phenomenon. Finally, a photographic survey and an analysis of the Kitsch pieces found in the Museum's collection will be made. We list three categories to carry out these analyzes: a) The promises of nature and decorations; b) Religious symbols; c) Collections.

Keywords: Kitsch; Museum; Collection.

Resumen: Este artículo buscará identificar y analizar piezas de la colección del Museo Municipal Albino Busato que caen bajo la perspectiva Kitsch. Al principio, se elaborará un enfoque sobre las colecciones museológicas y las diferentes categorías presentes en la misma colección. En el segundo punto del artículo, abordaremos el concepto Kitsch y el proceso de difusión y divulgación del consumo de productos relacionados con este fenómeno. Finalmente, se realizará una encuesta fotográfica y un análisis de las piezas de Kitsch que se encuentran en la colección del Museo. Enumeramos tres categorías para llevar a cabo estos análisis: a) Las promesas de la naturaleza y las decoraciones; b) símbolos religiosos; c) Colecciones.

Palabras llave: kitsch; Museo; Colección.

Os acervos museológicos

Este trabalho surge através de indagações sobre as diferentes categorias que podem estar presentes num acervo de museu, sendo que o “Kitsch”, por vezes, pode estar implicitamente ou explicitamente presentificado. A análise desses acervos específicos nos traz elementos sobre a intimidade, o imaginário e o cotidiano das pessoas que fizeram uso de determinados objetos, revelando aspectos de sua vivência particular. O museu em questão, cujo alguns elementos do seu acervo serão aqui analisados, está localizado na cidade de Casca, região norte do Rio Grande do Sul.

Ao serem destinados a acervos museológicos, os objetos acabam sendo desvinculados de seu contexto de origem, seus proprietários e sua função dentro da intimidade daqueles que o possuíam. Os objetos não são sagrados, nem possuem significados próprios e imutáveis. Quem atribui significado a eles são as pessoas, sendo que podem ser diferentes significados atribuídos ao mesmo objeto. Os museus são agências classificadoras que reordenam os objetos e os selecionam, segundo critérios próprios. Os objetos ao serem deslocados para os museus, perdem o contato com os contextos que os originam e, com isso, também a convivência cotidiana com aqueles que poderiam associá-los a uma experiência anterior. Ao perderem os vínculos com seus contextos de origem os objetos tornam-se elementos passíveis de uma nova escrita, de novas interpretações. (SANTOS, 2002, p. 115-137). Podendo então serem ressignificados num dado contexto e produzindo novas narrativas, ou suscitar indagações, revelar conflitos, anseios, desejos, até então não levados em consideração. Os objetos tem em suma a tarefa de gerar a reflexão histórica. (RAMOS, 2016, p. 70-93).

Francisco Régis Lopes Ramos, em seu artigo: Objeto Gerador: Considerações sobre o Museu e a cultura material no ensino de história, traz-nos uma importante reflexão sobre as possíveis perguntas a serem feitas aos objetos no acervo museológico:

A historicidade dos objetos reside no tempo, nas marcas de uso, da falta de uso ou nas fendas do abuso. É por isso que sentimos o que é novo, assim como imaginamos o tanto de décadas ou séculos que possui determinado objeto. Afinal, com quantas histórias se faz um objeto? Como foi feito? Por quem? Por quê? Quando? Como foi amado ou odiado? Como foi permitido ou proibido? Como foi sedutor ou repugnante? Em que sentido foi sacralizado ou profanado? Como se tornou público ou interdito?

Quantos segredos (in)confessáveis... E tantas outras cargas de sentimentos e conflitos... Tensões mais íntimas ou de caráter social. (2016, p. 75.)

Os museus, portanto, estão sempre produzindo novas narrativas a partir de objetos que selecionam, sejam estes oriundos do passado ou do presente. Nesse sentido, percebemos que os museus não possuem a capacidade de preservar o sentido original do objeto, deixando-o imune ao tempo e espaço, nem tampouco preservar o passado das comunidades e grupos sociais que produziram e utilizaram tal objeto. Assim, podemos inferir que os objetos são resultados de múltiplas construções sociais e representações coletivas. Embora os museus estejam ligados a certas especificidades do local em que se encontram, nem sempre produzirão os mesmos significados por estarem sujeitos a públicos variados. (SANTOS, 2002, p. 117/118).

Quando o museu se coloca como instituição que expõe estudos da cultura material, pressupõe-se exatamente isso: a vida que há nos objetos, a historicidade constitutiva dos objetos, que permite novas aventuras para o ato de conhecer o nosso mundo e o mundo de outros tempos e outros espaços. (RAMOS, 2016, p. 92).

O primeiro museu criado segundo a concepção moderna da palavra, no entendimento de vários historiadores da área, foi o Museu do Louvre, no ano de 1793, em Paris/França. Museu é uma palavra de origem latina proveniente do grego *mouseion*, que inicialmente faz referência ao templo dedicado às nove Musas, filhas de Zeus com *Mnemosine*, a deusa da memória. No entanto, é a partir do Renascimento que este termo passou a ser aplicado em relação a coleções de objetos de valor histórico e artístico. Poderíamos dizer que o hábito de colecionar objetos remonta à pré-história, como testemunham os sambaquis, encontrados em sítios arqueológicos. Conforme referências registradas em textos clássicos, já se encontrava na antiguidade coleções de objetos de arte ou de materiais raros ou preciosos. Durante a Idade Média, reunir obras de arte era visto como demonstração de prestígio. A partir das grandes navegações e da descoberta de novos continentes, a formação de coleções de objetos artísticos ou curiosidades naturais foi muito estimulada. Alguns museus importantes da atualidade foram formados a partir de coleções particulares ou reais. (FALCÃO, 2009, p. 10-22).

Andréa Falcão discute o papel que o Museu desempenha na sociedade contemporânea e a sua diversidade:

Embora os museus sejam um dos dispositivos privilegiados através dos quais o passado é apresentado ao público, não podemos esquecer que isso é feito por uma diversidade de instituições, meios e práticas. No entanto, não podemos perder de vista que, como instituição dedicada à memória e à celebração do passado, os museus desempenham um papel fundamental na construção de ideologias e identidades nacionais e sociais. (2009, p. 12).

Os museus podem ser constituídos em torno de temáticas extremamente variadas, cobrindo uma vasta área da produção humana. O conhecimento que os museus se propõem a difundir é centrado na visualidade dos objetos exibidos através de exposições. O valor que esses objetos adquirem enquanto documentos está na sua capacidade de tornar presente realidades distantes, pois são considerados como partes, fragmentos ou vestígios dessas realidades. É importante observar que o conhecimento de uma determinada realidade não se esgota nos objetos que supostamente a representam, devendo-se buscá-la de outras formas. Desse modo, não podemos conhecer a totalidade da vida social e cultural de uma determinada sociedade apenas por meio de alguns objetos extraídos de seu contexto original. (BITTER, 2009, p. 22-29).

Os acervos museológicos podem ser formados de maneiras diversas, porém, apresentam particularidades ligadas ao local e a sociedade em que estão vinculados. São várias as formas pelo qual esses acervos são formados, coleções particulares doadas após a morte do seu colecionador, aquisições do próprio museu, ou ainda, doações de peças avulsas por pessoas ou instituições que querem desfazer-se, mas, se tratando de algo com valor histórico, não as descartam e sim doam para um museu. Na maior parte dos casos essas coleções particulares são constituídas de forma amadora e intuitiva, sem uma preocupação museológica, fato que acaba por criar um acervo misto e muitas vezes muito díspar. Esse tipo de acervo caracteriza-se por guardar uma profunda relação com o seu proprietário original, refletindo suas concepções estilísticas, intelectuais, ideológicas, estéticas, enfim, a sua própria história de vida e personalidade. (BITTER, 2009, p. 24).

As narrativas construídas pelos museus têm como fio condutor a memória, utilizada para fortalecer identidades e defender interesses específicos. As políticas da memória presentes nos museus brasileiros são consideradas tanto em relação à sociedade brasileira, seu processo de desenvolvimento e diversos conflitos existentes entre indivíduos, grupos e classes sociais. (SANTOS, 2002, p. 101).

Charles Le Goff discute em “História e Memória”, além de esmiuçar o conceito de memória também nos apresenta articulações com as relações de poder:

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (1990, p. 476).

Outra importante reflexão acerca dos objetos que estão presentificados no museu se faz a partir da simples indagação sobre quem possuía determinados objetos, ou seja, se ele era acessível a todas as classes ou apenas às classes dominantes. A questão é que, muitas vezes, os museus acabam por glorificar a história dos mais abastados, mesmo sem darem-se conta. Vestígios das classes menos abastadas são mais difíceis de serem preservados, talvez por que pouco se tinha em objetos. Assim, um importante questionamento a fazer-se mediante o objeto é: Quem poderia possuí-lo? (RAMOS, 2016, p. 79).

O processo de naturalização dos objetos também merece aqui um espaço. Se refletirmos sobre, por exemplo, como o relógio tornou-se um objeto natural e necessário, proliferando-se em exemplares de plástico baratos e acessíveis, inúmeras questões poderiam ser levantadas, mas nesse caso a relação entre o desenvolvimento do capitalismo e a redução do tempo útil dos objetos seriam questões fundamentais. A mesma pergunta poderia ser feita a muitos outros objetos que hoje são tidos como de primeira necessidade, porém esquecemo-nos de questionar o processo que os tornou tão necessários e ainda, pensar o quanto de fato são necessários. (RAMOS, 2016, p. 84).

O conceito de “Kitsch” e a proliferação do desejo de consumo

O avanço e a consolidação do capitalismo, principalmente a partir da segunda metade do século XIX, trouxe consigo a apropriação, adaptação e mercadologização da arte, universalizando o acesso e colocando à disposição do consumidor “promessas de felicidade” cada vez a custos mais baixos, tal transformação da arte em bens culturais consumíveis recebeu o nome de indústria cultural. Transformava-se assim, os trabalhadores assalariados em

potenciais consumidores, obedecendo a lógica comercial. Lançava-se a cultura de massas, no qual os objetos eram previamente pensados dentro de padrões para que fossem facilmente desejados e familiarizados no ambiente doméstico. (TROMBETTA, 2011, p. 56).

O consumo de bens culturais, antes restritos à aristocracia, começa expandir-se em outras camadas sociais. Essa democratização de acesso à arte produzirá o “Kitsch”. As camadas menos abastadas não terão acesso à arte primária, justamente pelo seu custo, mas poderão consumir reproduções falsas de arte, imitações que podem oferecer uma sedução e promessas de felicidade. (TROMBETTA, 2015, p. 441-450). O kitsch se confirmou na indústria, atendendo bem as diferentes ‘necessidades’ de consumo da sociedade contemporânea, um grande sucesso de mercado, propiciado pela abertura do acesso direto aos objetos culturais pelas grandes massas. (TROMBETTA, 2020, p. 152-169). Abraham Moles, em seu livro “Kitsch, a arte da felicidade”, define o fenômeno do Kitsch como um produto da civilização consumidora que produz para consumir e cria para produzir, em um ciclo cultural onde a noção fundamental é a de aceleração. (MOLES, 1994, p. 20/21).

(...) O kitsch é essencialmente democrático: é a arte do aceitável, aquilo que não choca nosso espírito por uma transcendência fora da vida cotidiana, nem por um esforço que nos ultrapassa (...) O kitsch está ao alcance do homem, ao passo que a arte está fora de seu alcance, o kitsch dilui a originalidade em medida suficiente para que seja aceita por todos. (MOLES, 1994, p. 32).

O espaço doméstico tem sido tratado, nos últimos anos, como um cenário singular, templo de realização, descanso, sonho, afetividade e afirmação da identidade e autenticidade. As revistas de decoração não discutem tendências ou regras definidas para decorar, mas sugerem que fatores subjetivos tais como liberdade, humor, alegria e estilo próprio sejam buscados e afirmados no espaço doméstico. (CRESTO, 2009, p. 1). Essa idealização do espaço tem sua origem no fenômeno denominado “Kitsch”.

Esses produtos estão associados a sedução que reside no prazer por eles prometido, no sentido de poder possuir algo que transcenda o lógico e o comum. (TROMBETTA, 2011, p. 57). Necessariamente você não precisa ter viajado à Paris para conhecer a Torre Eiffel, poderá conhecê-la através de réplicas, de representações, que imitam ou falsificam o sentido de conhecer a Torre Eiffel, também visto por outro lado, possuir essa réplica pode representar um desejo de consumo da pessoa que a possui, ou ainda, pode a Torre Eiffel atender simplesmente

a tendências estéticas na arquitetura contemporânea de decoração e por isso ser comprada e colocada em casa. Isso desperta, como supõe Trombetta: “Uma promessa de felicidade, mas a felicidade em ser invejado, o glamour que certas mercadorias supostamente podem presentificar ou ao menos falsear, produzindo um aspecto de autoconfiança, de poder.” (2011, p. 57).

O termo “kitsch” tem origem no alemão, “*verkitschen*”, com sentido de trapacear, enganar. O termo é geralmente empregado para designar o design vulgar, popular e as cópias de má qualidade. O kitsch é considerado a antítese do *Good design*, um conceito ligado à racionalidade na atividade projetual no design, associado ao modernismo. Este conceito foi promovido como um tipo de selo de qualidade e bom gosto no design, incluindo concursos e premiações. (CRESTO, 2009, p. 3).

Dinah Papi Guimaraens discute o espaço da arte contemporânea e a ligação da sociedade de consumo com o Kitsch:

O espaço da arte contemporânea tem sido questionado pela transformação da estética em um produto de consumo, caracterizando-se como o mercado da decoração, do entretenimento e da indústria cultural. A reprodução em série, o marketing, a massificação e a homogeneização são temas que percorrem vários movimentos compostos por artistas pop e pós-pop, artesãos e designers que tomam posse do kitsch ou que são apropriados por ele. Artistas “românticos” ou “convencionais”, assim como membros da vanguarda combatem o kitsch. A arte contemporânea combate o kitsch quando pretende transcender o papel que lhe é dado pelo mercado, ao criar ou descobrir novos papéis, tentando se encaixar em outras áreas e, especialmente, para procurar negar sua participação na indústria do entretenimento. (2015, p. 118).

A aceleração do processo de disseminação do Kitsch está ligada a proliferação das indústrias de bens duráveis e não duráveis, dentro da lógica capitalista de consumo. Em tese, quando a velocidade aumenta, a duração diminui. Tal equação, é em síntese, o sentido que rege a aceleração dos objetos na sociedade de consumo. O objeto transformado em mercadoria foi se instituindo na constante diminuição da vida útil. Nesse caso, observa-se um grande aumento da mortalidade e natalidade de objetos constantemente. Criam-se objetos numa rapidez nunca antes vista, assim como descarta-se objetos na mesma proporção. Depois de comprado, o objeto não tem vida longa, ficando “fora de moda” muito rapidamente. Essa é a lógica mais simples da sociedade de consumo contemporânea. (RAMOS, 2016, p. 77).

O fenômeno moderno do *kitsch* foi criado para preencher um vazio. O novo trabalhador urbano é o consumidor que o Kitsch mais se atém, vendendo a ele uma promessa de diversão e prazer fora do horário de trabalho, mascarada de cultura. Essa “cultura” se adapta às

necessidades dos novos clientes, transferindo a busca de identidade individual e emocional às experiências simbólicas, agora definidas como lazer específico. Assim, o indivíduo moderno vê suas necessidades culturais sendo oferecidas através da materialidade do objeto de consumo. (ALMEIDA, 2013, p. 5).

O “Kitsch” no acervo do museu

Inaugurado no ano de 2018, o Museu pode ser considerado uma conquista para a população local, pois é resultado de anos de impasses gerados nas trocas de administrações públicas municipais. A casa que abriga o Museu, “Casa Busato” e o acervo que compõe o Museu possuem histórias e trajetórias diferenciadas. A Casa Busato foi tombada no ano de 1994, pelo Ministério Público, mas sua construção data do ano de 1904. Já o acervo museológico do município começou a ser constituído no início da década de 1990, quando da criação de um espaço de Museu no município, que por anos ficou concentrado em uma sala junto a Prefeitura Municipal de Casca.² Posteriormente o museu foi desativado e as peças ficaram guardadas junto a uma sala na Casa da Cultura de Casca. A doação do acervo do antigo Museu Besson, no ano de 2012, veio a engrandecer esse acervo, o qual pensou-se em transformar a Casa Busato em um Museu que pudesse abrigar todo esse acervo museológico do município.³ O acervo do Museu Municipal Albino Busato atualmente possui cerca de 580 peças catalogadas, e outras estão em vias de catalogação, sendo elas pertencentes a várias categorias diferenciadas.⁴ Dessas identificamos mais de 80 com ligação ao fenômeno Kitsch.

Para a realização dessa pesquisa, utilizamo-nos da seguinte metodologia: a) Investigação conceitual e bibliográfica sobre o fenômeno do Kitsch; b) Análise do acervo do museu; c) Levantamento fotográfico do acervo Kitsch; d) Seleção de algumas peças para compor a análise; e) Descrição dos objetos Kitsch e considerações sobre a funcionalidade dos mesmos.

A partir da análise do acervo do Museu, no qual constatamos que predominavam elementos que constituíam ambientes domésticos e de trabalho de famílias da região, principalmente das etnias italiana e polonesa e documentação histórica do município, concentramo-nos na análise do Kitsch presente no ambiente doméstico dessas famílias. Nesse sentido, estabelecemos três categorias para a análise do acervo Kitsch do museu: a) Promessas

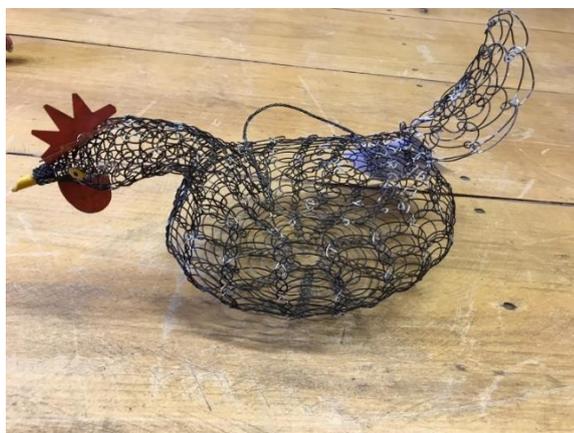
de natureza e decoração; b) Simbologias religiosas; c) Coleções. Destarte, reiteramos que outras categorias poderiam ser formadas, mas delimitamos a análise a essas categorias por questões de objetividade.

Em suma, nossa análise pressupõe que, o objeto apesar de falso produz uma sensação verdadeira. Nos espaços familiares e pessoais, na intimidade e na imaginação, podem os objetos Kitsch formular sensações subjetivas a cada indivíduo. Para Trombetta, a seleção e a composição dos cenários permitem aos consumidores estabelecer uma relação particular com os objetos, tornando-os singulares, mesmo esses sendo reproduções. Naquela composição os objetos são investidos de significados pessoais e valores sentimentais. (2015, p. 443).

A produção em massa dos objetos e a popularização dos mesmos expandiu o seu consumo, assim progressivamente mais pessoas puderam decorar seus ambientes com representações Kitsch. Grande parte de seu sucesso se deve a características comuns, como linguagem clara e simples, a produção de sensações nostálgicas, satisfatórias e a reprodução de elementos da cultura popular. (TROMBETTA, 2020, p. 164).

1. Categoria: Promessas de natureza e decoração

Imagem 01 – A galinha



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2020.

Objeto	Data aproximada/Doador	Descrição
Galinha de ferro para guardar ovos.	Década de 1960/ Museu Besson.	Objeto que fazia parte dos utensílios de cozinha.

Imagem 02 – O peixe



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2020.

Objeto	Data aproximada/Doador	Descrição/
Peixe em Cerâmica pintada.	Década de 1980/ Museu Besson.	Objeto que fazia parte da decoreação da casa.

Imagem 03: Ornamento decorativo



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2020.

Objeto	Data aproximada/Doador	Descrição/Observações
Conjunto decorativo que remete a cultura oriental	Década de 1960/ Museu Besson.	Objeto que fazia parte da decoreação das casas.

Imagem 04: Quadro decorativo



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2020.

Objeto	Data aproximada/Doador	Descrição/Observações
Quadro com temática oriental e de natureza.	Década de 1960/ Museu Besson.	Objeto que fazia parte da decoração da casa.

Imagem 05: A embalagem



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2020.

Objeto	Data aproximada/Doador	Descrição/Observações
Embalagem de uísque.	Década de 1960/ Museu Besson.	Objeto que serviu como embalagem para uma garrafa de uísque. É interessante notar a decoração da embalagem que mistura elementos da natureza a uma paisagem urbana medieval, proporcionando ao consumidor a falsa sensação de consumir um uísque muito antigo.

2. Categoria: Religioso

Na região norte do Rio Grande do sul a colonização por imigrantes italianos foi bastante expressiva, as práticas religiosas fizeram parte da bagagem dos viajantes, que depositavam na fé a esperança de uma vida melhor. Assim, é notório que em todas regiões de colonização italiana a fé se apresenta como elemento centralizador na sociedade. A religião católica é um traço bastante marcante na sociedade casquense, fruto de um processo histórico marcado pela inserção da religiosidade como fator de interesse comum nas comunidades de imigrantes, o catolicismo produziu inúmeras marcas na sociedade, tanto materiais quanto imateriais.

Conforme Rovílio Costa e Luis Alberto De Boni:

Na floresta não havia igreja, nem padre, como também não havia traços de cultura. O associativismo do imigrante haveria de criar um novo mundo cultural, através da reconstrução do mundo religioso. Não foi algo tirado do nada, mas também não foi a simples transposição do que se fazia na Itália: transformaram-se e adaptaram-se valores e modos de viver. (1979, p. 12).

No caso do Kitsch encontrado nos objetos religiosos, Trombetta assinala que:

Entre as características que definem o produto kitsch encontramos simultaneamente o caráter reprodutivo (seriado) e a aquisição de falsos conteúdos. É o caso dos produtos de ordem religiosa, que simulam um produto que simbolicamente uniria o espectador a uma força transcendental, mas que, originariamente, saiu de um molde que deu forma a produtos suficientes para que outras centenas de milhares de pessoas comprassem a mesma ‘experiência metafísica transcendental’. (2012, p. 3).

A religião transcendia o aspecto interior dos indivíduos, buscava-se atrelá-la a coisas exteriores como forma de materializar a fé: velas, igrejas, cantos, cerimônias e imagens de santos. As representações de santos atravessaram o mar e aqui se fixaram, ganhando espaço na sociedade nascente. Poucas estátuas vieram da Itália, foi preciso recorrer à habilidade do artesão, capaz de esculpir na madeira as imagens da devoção do povo. (DE BONI; COSTA, 1979, p. 14).

Imagem 06: Anjinhos



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2020.

Objeto	Data aproximada/Doador	Descrição/Observações
Conjunto de anjinhos.	1960/ Museu Besson.	Objeto que fazia parte da decoração da casa, usado para devoção à religião católica.

Imagem 07: Quadro religioso



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2020.

Objeto	Data aproximada/Doador	Descrição/Observações
--------	------------------------	-----------------------

Quadro com temática religiosa.	Década de 1960/ Museu Besson.	Objeto que fazia parte da decoração da casa, usado para devoção religiosa.
--------------------------------	----------------------------------	--

Imagem 08: Jesus



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2020.

Objeto	Data aproximada/Doador	Descrição/Observações
Imagem: Sagrado Coração de Jesus.	1980/ Sem informações.	Objeto que fazia parte da decoração da casa, usado para devoção religiosa.

3. Categoria: Coleção de Canecas

Um dos elementos mais curiosos que o acervo do museu possui é uma coleção de canecas, atribuídas ao senhor Aldo Besson (in memoriam). O antigo proprietário e idealizador do Museu Besson, possuía um gosto peculiar por colecionar canecas de porcelana. Vizinhos, amigos, familiares e conhecidos contribuíam para aumentar a coleção do Senhor Aldo, chegando a totalizar 176 exemplares de canecas⁵, provenientes de vários estados diferentes do Brasil.

Das 176 canecas, elegemos quatro que nos chamaram mais atenção por possuírem designs bastante exagerados e conflitantes, com emprego de personagens e figuras históricas de maneira

bastante problemática. A coleção completa está disponível na reserva técnica (b)⁶ do Museu Municipal Albino Busato e pode ser consultada mediante contato prévio com o Museu.

Imagem 09 – Caneca



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2020.

Objeto	Data aproximada/Doador	Descrição/Observações
Caneca em porcelana, o design lembra a proa de um barco.	1970/ Museu Besson.	Caneca feita por alusão aos dez anos da marca “Nevada sorvetes finos”, Porto Alegre/RS.

Imagem 10 – Caneca



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2020.

Objeto	Data aproximada/Doador	Descrição/Observações
Caneca em Porcelana, o design lembra um leão.	1977/ Museu Besson.	Caneca produzida na ocasião do “Carnaval do Chopp”, Esporte Clube Pinheiros, Curitiba – Paraná, 1977.

Imagem 11 – Caneca



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2012.

Objeto	Data aproximada/Doador	Descrição/Observações
Caneca em porcelana, o design lembra uma personificação de uma máscara mortuária faraônica do Egito.	1974/ Museu Besson.	Caneca produzida na ocasião da Inauguração da Igreja Matriz São Vicente Martir e VIII festival do Chopp, Bairro Camaquã, Porto Alegre, maio de 1974.

Imagem 12 – Caneca



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2020.

Objeto	Data aproximada/Doador	Descrição/Observações
Caneca em Porcelana, seu design chamou-nos atenção por reproduzir uma frase altamente machista ligada a uma cena de namoro. “O homem bebe e a mulher enche”.	1974/ Museu Besson.	A caneca foi produzida para a 3ª festa do Chopp do Clube militar de Porto Alegre, no ano de 1974.

Considerações finais

Os museus dão a impressão de que preservam o passado. Porém, longe desta determinação simplista, não preservam um significado eterno inerente aos objetos, eles na verdade atribuem novos significados a objetos que foram retirados do tempo e espaço em que foram originalmente produzidos. Portanto, os museus estão sempre construindo novas narrativas a partir dos objetos que possui, sejam estes oriundos do passado ou do presente. (SANTOS, 2002, p. 1). Uma das grandes contribuições dos museus para a sociedade é justamente a de possibilitar a reflexão constante e a problematização do passado, seja ele presentificado através de objetos ou não.

A preocupação em compreender o passado, nas mais diversas esferas sociais, esteve presente desde a antiguidade, mas de maneiras diferentes. Porém, não se deve confundir a preservação do passado com a manutenção de características de uma época. Trata-se de manter

e preservar testemunhos materiais dessa época que nos sirvam como pontos constantes de partida, reflexão e análise. Preservar tais testemunhos é dar-lhes condições de continuarem a ser utilizados no presente em toda sua potencialidade. Contudo, a vida moderna, ou melhor a tecnologia contemporânea, vem tornando obsoletos, inoperantes e economicamente inviáveis um grande número de objetos, que testemunham o passado. De pequenos objetos, a grandes construções, nosso universo se renova numa velocidade nunca antes observada. (SUANO, 1986, p. 8).

No caso específico do objeto, sua aparição como peça de museu lhe confere uma espécie de aura de importância que antes ele não possuía, um valor cultural, devido ao fato de que tornou-se “raro”.

Objetos fascinam o homem. Sejam fotos de viagem, livros, presentes, lembranças, utensílios ou enfeites, as coisas cercam as pessoas e interagem com elas. Os objetos possuem a função de recordar um momento, de lembrar da família e de amigos, de equipar uma cozinha, dentre outros, e persistem ao longo do tempo. Os objetos possuem uma história e, ao mesmo tempo, podem contar um pouco da história das pessoas. Ao questionar o porquê que precisamos de coisas, coloca-se que uma das consequências da nossa evolução como seres culturais tem sido um aumento da nossa dependência de objetos para a sobrevivência e conforto. (JACQUES, 2007, p. 16).

A partir deste trabalho foi possível verificar que o acervo do Museu Municipal Albino Busato possui, dentre as diversas tipologias de acervo, objetos que se enquadram no “Kitsch”, dialogando com o sentimentalismo e cultura das pessoas que os possuíam originalmente, sendo possível a formulação de narrativas sobre a intimidade e as tendências da indústria cultural no passado.

Referências

- ALMEIDA, Marília; MONTEIRO, Taís; GONÇALVES, Osmar. O kitsch e a cultura de massa. *XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste*. Mossoró/RN: INTERCOM, 2013, p. 1-10.
- BITTER, Daniel. O Museu como Lugar de Pesquisa e Produção de Conhecimento. *Revista Salto para o Futuro*. MEC: Rio de Janeiro, ano XIX – nº 3 – Maio/2009, p. 22–29.

- CRESTO, Lindsay Jemima. *O kitsch e a promessa de felicidade no espaço doméstico*. UTFPR, 2009, p. 1–10.
- DE BONI, Luis Alberto; COSTA, Rovílio. *Os italianos no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST/UCS, 1979.
- FALCÃO, Andréa. Museu como lugar de memória: Brevíssima história dos museus. *Revista Salto para o Futuro*. MEC: Rio de Janeiro, ISSN 1982 – 0283, ano XIX – nº 3 – Maio/2009, p. 10–22.
- GUIMARAENS, Dinah Papi. Do kitsch à metafísica arquitetura, estética e imagética. In: (Org.) COSTA, Maria de Lourdes; SILVA, Maria Lais Pereira da. *Produção e Gestão do Espaço*. Niterói: FAPERJ, 2015, p. 109-125.
- JACQUES, Clarisse Callegari. *As pessoas e as coisas: análise espacial em dois sítios arqueológicos, Santo Antônio da Patrulha, RS*. 2007. 195 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- MOLES, Abraham. *Kitsch: a arte da felicidade*. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Políticas da memória na criação dos museus brasileiros. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa/Portugal, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, v. 19, n. 19, 2002, p. 115-139.
- SUANO, Marlene. *O que é Museu*. Editora Brasiliense, 1986.
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. Objeto gerador: Considerações sobre o museu e a cultura material no ensino de história. *Revista Historiador*. Vol. 08, n. 14, ano 2016.1, p. 70-93.
- TROMBETTA, Gerson Luís. As promessas da mercadoria: notas sobre a estética do consumo. In: (Org.) RODIGHERO, Ivanir; CARLESSO, Jair, MEZADRI. *Pastoral Urbana: Sinais de Esperança*. Passo Fundo: ITEPA, 2011, p. 52-61.
- TROMBETTA, Gerson Luís. Entre a lágrima e a transgressão: a ambiguidade do kitsch no projeto moderno da arte e da arquitetura. *História: Debates e Tendências* – v. 15, n. 2, jul./dez. 2015, p. 441-450.
- TROMBETTA, Gerson Luís. Sentimentalismo e kitsch: pontos cegos no modernismo artístico. *História debates e tendências*. Passo Fundo, v. 20, n. 1, 2020, p. 152-169.
- TROMBETTA, Gerson Luís. Às margens da arte: O Kitsch nos cenários urbanos. VI Simpósio Nacional de História Cultural. *Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar*. Universidade Federal do Piauí – UFPI Teresina-PI, 2012, p. 1-11.

FONTES PRIMÁRIAS⁷

Submetido em: 22/10/2020

Aprovado em: 26/11/2020

Publicado: 08/12/2020

¹ Mestranda em História do PPGH UPF, Bolsista FUPF

² CONSELHO MUNICIPAL DE CULTURA DE CASCA. ATA nº 08/1990 – 22/10/1990. Livro 01, p. 11. Disponível no Acervo documental do Museu Municipal Albino Busato.

³ CONSELHO MUNICIPAL DA CULTURA DE CASCA. ATA 02/2012 – 17/05/2012. Livro 01, p. 49. Disponível no Acervo documental do Museu Municipal Albino Busato.

⁴ MATTÉ, Olga. Livro de registros do acervo do Museu Municipal Albino Busato. Livro 01, 2018. Disponível no acervo documental do Museu Municipal Albino Busato.

⁵ BESSON, Aldo. Livro de registros do acervo do Museu Besson. Livro 01, 1994. Disponível no acervo documental do Museu Municipal Albino Busato.

⁶ “O Museu Municipal Albino Busato possui duas salas de reserva técnica, (a) terceiro piso do museu e (b) primeiro piso do museu. A exposição permanente montada ao público está disposta no segundo piso do museu.” Informações da historiadora do Museu.

⁷ Fontes Primárias

Acervo do Museu Municipal Albino Busato.

OLIVEIRA, Tania Maria Aimi; PREFEITURA MUNICIPAL DE CASCA. Projeto de Implementação do Museu Municipal de Casca. 2014. Disponível no arquivo documental do Museu Municipal Albino Busato.

MATTÉ, OLGA. Livro de registros do acervo do Museu Municipal Albino Busato. Livro 1. 2018. Disponível no acervo documental do Museu Municipal Albino Busato.

MINISTÉRIO PÚBLICO DE CASCA. Processo de Tombamento da Casa Busato, 1994. Disponível no acervo documental do Museu Municipal Albino Busato.

BESSON, ALDO. Livro de Registros do Acervo do Museu Besson. Livro 1, 1994. Disponível no acervo documental do Museu Municipal Albino Busato.

CONSELHO MUNICIPAL DA CULTURA DE CASCA. Museu Municipal Albino Busato. Ata da reunião realizada no dia 22/10/1990. Livro 1, p. 11.